

Quando uma causa utiliza métodos desumanos,
é a própria causa que está corrompida

«Aquele que destrói uma alma»

ANTHONY LEWIS

AO VER James Mulligan, qualquer pessoa pensaria que ele é um desses típicos norte-americanos: homem pensativo e musculoso, oficial da marinha já em meio à carreira (é atualmente capitão), vivendo em Virginia Beach e aí frequentando a escola comercial.

No entanto, quem o observar melhor notará nele uma tensão peculiar. A emoção lhe está à flor da pele. Quando fala sobre seu país, diz que o ama tanto que nunca mais quer sair dele. Mulligan passou sete anos como prisioneiro no Vietnã do Norte, e essa experiência não é muito fácil de ser apagada da memória.

Não que ele espontaneamente procure falar dela — prefere, como diz, pensar no futuro. Eu, porém, imagino que, passados quase dois anos desde o seu regresso à liberdade, ele verifica com amargura que poucas pessoas sabem o que aquilo foi — e tem toda a razão.

Para falar mais claro, Mulligan foi torturado. Seu corpo foi atado com cordas cheias de nós (tortura que muitos prisioneiros descreveram) que provocavam dor insuportável. Foi mantido a grilhões durante 16 meses, e na solitária durante 42. Poucos de nós se imaginariam sobrevivendo a tal suplício. Mulligan está convencido de que não teria sobrevivido se não tivessem parado com as torturas e melhorado as condições da prisão a partir de 1969.

Por que os norte-vietnamitas fizeram isso? Mulligan afirma que foi para forçá-lo (e aos seus colegas prisioneiros) a confessar crimes de guerra e a fazer declarações de propaganda antiamericana. Então, por que ele e outros preferiram resistir e sofrer? Teria alguma importância arrancar confissões propagandistas desses prisioneiros?

«Simplesmente, eu não quis sair dali fedendo», responde Mulligan.

«Tudo fede hoje em dia. Os norte-americanos já não confiam em seu governo (em líderes políticos, nos militares, enfim, em ninguém) porque não aceitam mais a responsabilidade moral. É uma questão de consciência. Um ser humano tem de defender seus direitos.»

Para que serve nos lembrarmos de tudo isso? Não para alimentar sentimentos de vingança, certamente; isso não serve para nada. Mais importante é que saibamos o que aconteceu naquelas prisões (como ainda acontece em tantos outros lugares no mundo), a fim de se compreender a natureza indivisível da humanidade.

Temos de aprender a cada momento que nenhuma causa justifica a desumanidade. Alguns que criticaram a intervenção dos Estados Unidos na guerra diziam que os norte-americanos assaltaram aldeias de camponeses numa remota península da Ásia, que teriam matado e destruído em gigantesca escala e que seus agentes também teriam praticado torturas e crimes. Outros, favoráveis à guerra, achavam que a causa em jogo (com-

bater o comunismo) era tão importante que essas histórias de crueldades praticadas para tal objetivo eram apenas «desvios». O fim, contudo, não pode ser separado dos meios. Quando uma causa usa métodos de terror, também ela se modifica. O que sobrou da revolução soviética? O idealismo de seus supostos objetivos ou a desumanidade de seus métodos?

James Mulligan tem mais razões do que nós para concentrar seus sentimentos num único sentido, mas também se preocupa com os maus tratos a prisioneiros em qualquer país. Diz que, se uma pessoa sob o seu comando torturasse um prisioneiro, «eu o processaria».

Há certas coisas que não podem ter nenhuma justificação, e a tortura é uma delas. Seu mal é infeccioso, corrompendo não apenas o torturador, mas todos aqueles que tentam ignorá-lo. Tornamo-nos muito menos humanos se ficarmos indiferentes ao uso da tortura como arma política. O Talmud, há 1.500 anos, explica: «Aquele que destrói uma única alma é como se tivesse destruído o mundo inteiro.»



UMA COMPANHIA importante, com filiais internacionais, há pouco tempo verificou que a palavra «Saudações», acrescentada rotineiramente a todos os telegramas expedidos, estava custando mil dólares por ano à empresa. Foi enviado um memorando a todos os escritórios dizendo: «Por favor, no futuro, terminem todos os telegramas sem saudações.» Depois disso, durante várias semanas, começou a aparecer a frase «Sem saudações» no final de todos os telegramas expedidos, aumentando os custos das tarifas mais ainda e não melhorando em nada as relações de amizade.

— Doyle K. Getter, em *Journal* de Milwaukee